



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
CAMPUS CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**NOEMI DA SILVA GUIMARÃES**

**ERA UMA VEZ...  
A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE A PARTIR DA  
CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**CAMPINA GRANDE  
2022**

NOEMI DA SILVA GUIMARÃES

**ERA UMA VEZ...**  
**A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE A PARTIR DA**  
**CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Licenciatura em Pedagogia.

**Área de Concentração:** Diversidade Cultural e Inclusão Social

**Orientador:** Prof. Me. Marlon Tardelly Morais Cavalcante

**CAMPINA GRANDE**  
**2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G963e Guimarães, Noemi da Silva.  
Era uma vez... A importância da representatividade a partir da contação de histórias na educação infantil [manuscrito] / Noemi da Silva Guimarães. - 2022.  
45 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Prof. Me. Marlon Tardelly Morais Cavalcante, Coordenação do Curso de Pedagogia - CÉDUC."

1. Educação Infantil. 2. Representatividade. 3. Contação de História. I. Título

21. ed. CDD 372

NOEMI DA SILVA GUIMARÃES

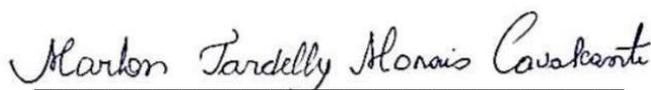
**ERA UMA VEZ...**  
**A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE A PARTIR DA**  
**CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Licenciatura em Pedagogia.

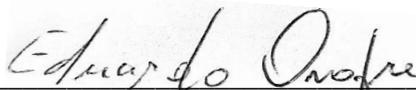
**Área de Concentração:** Diversidade Cultural e Inclusão Social

Aprovada em: 31/03/2022.

**BANCA EXAMINADORA**



**Prof. Me. Marlon Tardelly Morais Cavalcante**  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



**Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre**  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



**Profa. Ma. Francisca Máisa Maciel Gomes de Almeida**  
Faculdade São Francisco da Paraíba (FASP)

Dedico este trabalho à minha querida Ágatha Emília, uma criança que com sua inquietude quanto ao seu cabelo cacheado, fez com que despertasse em mim, também cacheada, indagações quanto à nossa representatividade dentro do Universo literário infantil, fazendo com que eu contasse minha primeira história intitulada “O Cabelo de Lelê” e surgisse assim o tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso. A você e toda sua família minha eterna gratidão.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus**, por sempre me guiar para o melhor caminho, trazendo força e perseverança para o que almejo;

Ao meu avô **Luiz Vieira (in memoriam)** que é a pessoa que mais amo neste mundo, a quem sempre peço proteção e sei que de onde estiver estará olhando e dando suas belas gargalhadas ao ver minhas vitórias;

Agradeço aos meus Pais, **Aluizio e Norma**, por sempre acreditarem no meu potencial/esforço, compreendendo minhas ausências e aguentando minhas ansiedades;

Aos meus irmãos **Aluizio e Fábio**, que na hora em que necessito estão prontos para me ajudarem;

As minhas sobrinhas **Isabela e Camila** por me darem o apoio afetivo, divertindo, encantando e tornando as horas tensas mais agradáveis;

A **Amazile** que me alertou quanto ao ingresso de Graduados no curso de Pedagogia da UEPB, acreditando que este seria o segmento que me traria identificação e realização...e acertou! Estou terminando mais um curso de graduação com a convicção do que quero seguir como carreira. Sempre lembrarei desse seu apoio!;

A **Renata** por todo apoio e ajuda durante o transcurso da minha segunda graduação, inclusive proporcionando momentos de distração com minhas sobrinhas;

A minha madrinha **Leda Cunha Lima** por sempre se fazer presente na minha vida, mandando mensagens de apoio e amor;

Ao meu afilhado **Théo** e seus pais **Isabele e Elder** por permitirem que eu me tornasse madrinha de um menino lindo, cheio de amor e felicidade;

Ao meu grupo "**Venenosas**" (**Camila, Renata, Adrielly e Luisa**) deixo aqui meu agradecimento especial, pois em vários momentos seguraram minha mão e não me deixaram desistir;

Ao meu grupo "**Migas Loucas**" (**Amanda, Betania, Renally, Emanuely, Maiza e Débora**) que com muita diversão e descontração conseguem tirar o melhor de mim;

A minha amiga, mais que irmã, **Maiza Leal**, que chegou em minha vida e me transformou em uma pessoa melhor, me acalmando, elogiando, ressaltando todas as minhas qualidades, aceitando meus defeitos, e claro que deixando meu mundinho mais azul com a futura vinda de **Pedro**;

A Coordenadora **Silvana Dias** por ter empatia e entender que eu não teria condições de colaborar com ela em diversas situações, e mesmo assim ela que teve a humildade de me ajudar. Por isso e por tanto, serei eternamente grata;

Agradeço ao **Colégio Autêntico**, nas pessoas de **Andrade e Lourdinha**, por ter sido o primeiro local na área de Educação em que eu trabalhei, começando como estagiária e hoje me encontro professora, local onde apresentei minha primeira Contação de História dentre tantas outras que vieram posteriormente e que me proporcionaram a escolha do tema do meu trabalho;

Agradeço, mais uma vez, a minha querida **Jeanny Gibson** que sempre me socorre nas traduções para o inglês. Você arrasa sempre!;

Em especial, agradeço ao meu orientador **Marlon Tardelly**, que acreditou na temática desde o início me mostrando que seria possível, ousado e inovador o tema que eu propus, passando madrugadas conversando e corrigindo o trabalho e principalmente por conduzir de forma leve o andar do TCC. De orientador à grande amigo!

“Uma criança, um professor, um livro e um lápis podem mudar o mundo. Eu não me importo se eu tenho que sentar no chão na escola. Tudo o que eu quero é educação.”.

Malala Yousafzai

## RESUMO

Esta pesquisa mostra que a Contação de História é uma ferramenta que o Professor/Contador da Educação Infantil pode expor a diversidade que existe na sociedade com o propósito de incentivar a utilização de livros infantis que abordem a representatividade e tragam para as crianças personagens que elas possam se identificar. Através de uma pesquisa de cunho bibliográfico, apresentamos temáticas como Currículo Pós-Crítico, Infâncias Plurais, Contação de História e posteriormente um ensaio exploratório-descritivo com análise das obras selecionadas trazendo discussões e inquietudes que contribuem para o debate das singularidades e pluralidades presentes em poucas histórias infantis, mas que não são abordadas dentro de sala de aula. Os resultados indicaram a importância que o professor tem ao pesquisar e escolher histórias para serem contadas, levando em conta a realidade e pluralidade social presente na sociedade.

**Palavras-Chave:** Representatividade. Contação de História. Educação Infantil.

## **ABSTRACT**

This research intends to show that Storytelling is a tool that the Early Childhood Teacher/Storyteller can expose the diversity that exists in society with the purpose of encouraging the use of children's books that address representation and bring children characters with whom they can identify themselves. Through a bibliographic research, we present themes such as Post-Critical Curriculum, Plural Childhoods, Storytelling and later an exploratory-descriptive essay with an analysis of the selected works, bringing discussions and concerns that contribute to the debate of the singularities and pluralities present in a few children's stories, but which are not addressed in the classroom. The results indicated the importance that the teacher has when researching and choosing stories to be told, taking into account the reality and social plurality present in society.

**Key words:** Representativeness. Storytelling. Child education.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> - Percurso Metodológico .....	24
<b>Figura 2</b> - Final do Livro .....	26
<b>Figura 3</b> - Glossário do Livro Amoras .....	28
<b>Figura 4</b> - Páginas onde abordam a ancestralidade .....	30
<b>Figura 5</b> - Incentivo da mãe .....	33
<b>Figura 6</b> - Olívia e seus dois papais .....	37

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	13
<b>2.1 Currículo como polissemia</b> .....	13
<b>2.2 Infâncias plurais: múltiplos olhares</b> .....	16
<b>2.3 Representatividade na contação de histórias: diálogos plurais</b> .....	19
<b>3 PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	23
<b>4 ANÁLISE CRÍTICA DAS OBRAS INFANTIS: DISCUSSÕES E INQUIETUDES</b> .....	26
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	43
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	44

## 1 INTRODUÇÃO

Na primeira infância a ludicidade se faz presente em vários momentos, através de brincadeiras, histórias, momentos criativos, todos com o propósito de, através da imaginação, envolver a criança e trabalhar alguns fatores importantes para seu crescimento pessoal. Nosso trabalho abordará a Contação de História como uma ferramenta essencial para não apenas mediar uma história, mas a partir da escolha desta, envolver assuntos que se fazem necessários em uma sociedade repleta de preconceitos.

Atualmente, falamos muito em representatividade, porém pouco se fala desta representatividade na infância, através de brinquedos, imagens em livros didáticos e principalmente em Histórias Infantis, onde preponderantemente vemos fenótipos loiros, cabelos lisos e pele branca. Vendo por esse lado, podemos observar, desde a estrutura um conceito de beleza deturpado com relação à realidade. Para tanto, falaremos de uma educação inclusiva, onde o currículo pós-crítico e a prática docente possam abranger as diferenças, mesmo que tratando de crianças e suas singularidades. O mundo se transforma e com isso os seres humanos evoluem, modificando também a forma de educar, para tanto, a presente pesquisa vem com o propósito de mostrar a importância da abordagem de um currículo pós-crítico, se utilizando das infâncias plurais. As abordagens curriculares tradicionais e pós-críticas juntamente com as infâncias plurais, serão basilares para o diálogo sobre representatividade nas histórias infantis. Partindo deste pressuposto, utilizaremos critérios de seleção para a escolha dos livros infantis que serão analisados neste projeto.

É de suma importância para a academia a discussão aqui proposta, visto que pouco se fala na literatura sobre a Contação de História como uma ferramenta de representatividade, e quando abordada, esta se resume a questões raciais, o que é sabido não ter apenas este ponto de representatividade, mas também com relação a cabelo, deficiência, cultura etc.

Finalizaremos a pesquisa com a resposta à pergunta norteadora **Como um(a) professor(a) da Educação Infantil pode abordar as diferenças e representatividade através da Contação de Histórias?** Com a finalidade de responder a essa pergunta, nosso objetivo geral é mostrar que a Contação de História pode ser uma ferramenta para o professor(a)/Contador(a) trabalhar a representatividade no âmbito da Educação Infantil, com isso, teremos algumas etapas a analisar que são nossos objetivos específicos que

constam em contrapor o currículo tradicional com o currículo pós crítico; Abordar o tema das Infâncias Plurais, fazendo conexões com a Contação de Histórias; Demonstrar a representatividade dentro da Contação de Histórias, através da análise crítica de Livros de Histórias Infantis; Elucidar a importância da utilização dos Livros de Histórias Infantis em sala de aula.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Atualmente, no século XXI, a preocupação com relação às diferenças está cada vez mais presente em rodas de conversa, em parlamentos, leis, cotas em Universidades, é um assunto que está se falando muito, porém, pouco se fala da inserção da representatividade ainda na Educação infantil, visto que quando educamos um ser desde sua primeira infância, a tendência é termos um adulto consciente de seu papel na sociedade e também com respeito ao próximo, entendendo as diferenças e sabendo contemplar a pluralidade, desta forma, ressaltamos a importância desta pesquisa para a academia, visto que pouco se vê essa preocupação na infância, e quando procuramos, vemos algo focado apenas na questão racial. Tratamos aqui da representatividade como um todo, mostrando a pluralidade que temos em sala de aula como uma amostra da sociedade. Através da Contação de Histórias, vemos uma forma lúdica e criativa, que envolve o imaginário infantil, como uma maneira de tratar as diferenças e a representatividade como um todo.

### **2.1 Currículo como polissemia**

Para alcançarmos nosso propósito, falaremos de algumas questões que fizeram com que a educação não abordasse a representatividade na educação infantil, como é o caso do currículo, documento formativo que apresenta os objetivos educacionais que a escola procura atingir de acordo com a idade e desenvolvimento infantil. Destarte, esse currículo deve ser modificado de acordo com as mudanças na sociedade, visto que estamos em constante mudança, seja social, religiosa, tecnológica dentre outras. Mas não é o que ainda vemos hoje, que é a aplicabilidade de um currículo tradicionalista (1918), aquele que tende a padronizar uma sala de aula para torná-la mais fácil de se trabalhar, um currículo que em sua época era eficiente, mas que hoje não o vemos da mesma forma, visto que depois desta teoria tradicionalista, já abordamos as teorias críticas e pós-críticas, que serão basilares para discussão, análise e resultados do projeto.

Na teoria Pós-crítica, vemos a preocupação com a identidade, as diferenças a representação, cultura, gênero, raça, sexualidade, etnia e o multiculturalismo. É um currículo que aborda os problemas que temos hoje na sociedade, a questão do preconceito, da não aceitação de sua própria imagem e da negação de sua cor. É uma escola que aplica esse currículo pós-crítico “têm provocado o desenvolvimento de práticas educativas

escolares destinadas a uma educação essencial [...]” (SOUZA *ET AL*, 2019), vê-se essencial não só por colocar esse grupo minoritário dentro de sala de aula de igual para igual, sem diferencial, mas também essencial para a formação de valores nesta criança. Sabe-se que a abordagem de alguns assuntos não é tão fácil, visto que estamos há anos com a cultura que os brancos são melhores que as demais raças, tratar assuntos pontuais e minoritários tendem a ser polêmicos e problemáticos, porém, de acordo com Souza (*et al*, 2019)

Os grupos tidos como minoritários, que antes estavam excluídos desse espaço educativo, como mulheres e pessoas negras, agora começam a fazer parte e a requisitar transformações nos currículos pedagógicos e na organização escolar para atender às diferenças entre os sujeitos. Inserir no currículo uma discussão profícua sobre diversidade cultural, sexual, de gênero, de raça e etnia não é tão simples. Os currículos, programas, materiais e rituais pedagógicos privilegiam uma cultura normativa e branca, exemplificada pelos livros didáticos [...]

Acrescendo que esta característica mencionada na citação de Souza, que ele aborda a exemplificação nos livros didáticos, também acontece nos Livros de Histórias Infantis, onde, em grande maioria, vemos padrões como princesas brancas, loiras, de cabelos lisos, com seus príncipes brancos, loiros, de olhos claros e cabelos lisos. Assim sendo, “Faz-se necessário problematizar o currículo, e não reduzir essas questões a temas transversais, como dia do índio, da consciência negra, mas torná-la centrais, como campo de conhecimento, poder e identidade.” (SOUZA *ET AL*, 2019). Não é tratando um dia por ano que estamos inserindo um negro em sala de aula, não é abordando a consciência negra que estamos tornando a presença do negro algo normal e representativo, mas é tornando isso corriqueiro, como uma discussão diária, personagens espalhados na escola que contemplem as diferenças, contações de história onde a personagem principal tem cabelos crespos.

Mencionamos também em nossa pesquisa a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que nos mostra apontamentos basilares para uma educação ideal, não sendo configurada como currículo, mas provando que se faz atual e contemporânea, trazendo discussões necessárias para a representatividade na atualidade quando nos diz “que corresponde às demandas do estudante desta época, preparando-o para o futuro”<sup>1</sup>, nos levando a acreditar que a partir das problemáticas de hoje, podemos modificar atitudes

---

<sup>1</sup> Retirado de <[BNCC EI EF 110518 versaofinal site.pdf \(mec.gov.br\)](#)>. Acesso em 21 de março de 2022.

do amanhã. A BNCC também deixa clara que está empenhada na “formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva(...)”<sup>2</sup>, mais uma vez se colocando abertamente quanto às mudanças nas configurações da Sociedade.

Destarte, faz-se necessário e obrigatória essa discussão, apresentando para a academia que tudo se modifica, e o currículo precisa acompanhar essas modificações, trazendo inquietações quanto a singularidade de cada ser diante as pluralidades da sociedade, como bem menciona Silva (2010, p.104) quando se coloca dizendo que

No centro de uma perspectiva crítica de currículo deveria estar uma concepção de identidade que a concebesse como histórica, contingente e relacional. Para uma perspectiva crítica, não existe identidade fora da história e da representatividade.

Reforçamos que nossa preocupação transcende a questão racial, no trabalho tivemos a preocupação de contemplar alguns tipos de diversidades que podemos nos deparar em sala de aula, para que desta forma, possamos mostrar que quando se trata de diferença e representatividade, não estamos falando apenas do negro dentro da escola, mas estamos falando de uma criança que tenha surdez, uma criança adotada, e tantas outras que compõem o ambiente escolar.

Falar sobre criança é falar de ser humano que possuem tantas diferenças, podemos citar diferenças culturais, religiosas, sociais, de personalidades, inúmeros fatores que tornam cada criança única. Tratar de maneira fluida e cuidadosa é uma ponderação que se tem cada vez maior, visto que estas diferenças podem tornar um empecilho na vida deste ser. Esta preocupação se dá pela maneira que a sociedade vê alguns padrões e terminam por envolver a infância nestes aspectos preconceituosos, e sabe-se que a criança está em formação, por isso a preocupação de Sarmiento (2008, p.3) quando diz que

nunca como hoje as crianças foram objeto de tantos cuidados e atenções e nunca como hoje a infância se apresentou como a geração onde se acumulam exponencialmente os indicadores de exclusão e de sofrimento.

Já passamos pela fase em que a criança era renegada, amaldiçoada e também miniaturizada, invisível como destaca Sarmiento (2008, p.4) quando fala que as crianças “não são consideradas como seres sociais de pleno direito”, contudo, na sociedade

---

<sup>2</sup> Retirado de <[BNCC EI EF 110518 versaofinal site.pdf \(mec.gov.br\)](#)>. Acesso em 21 de março de 2022.

contemporânea, a preocupação é saber que esta criança se tornará um adulto com frustrações, medos, revoltas e por vezes passará adiante tudo o que sofreu em sua infância.

## 2.2 Infâncias plurais: múltiplos olhares

A reconstrução da infância é necessária visto que a homogeneidade não existe quando tratamos de pessoas, para tanto, vê-se a necessidade de falar das infâncias plurais dentro de instituições de ensino, levando em conta a singularidade de cada ser, e também suas diferenças, que fazem com que cada uma aprenda com a diversidade da outra. Também se ressalta que a criança entra na escola com seu saber prévio, porém a interação com outros pares, sejam estes os adultos ou as demais crianças, intensificam e até acrescentam mais saberes a essa criança como citado por Sarmiento (2008, p.22) onde nos diz que

As culturas da infância são geradas nas interações de pares e no contacto com os adultos. Espelham as diferenças culturais e são por isso declináveis no plural: é a multiculturalidade que se trata, na verdade.

Desta forma, não podemos tratar a infância como algo padrão, homogêneo, onde não há diferenças entre pares. As diferenças têm que ser tratadas de forma orgânica e natural, para que a criança ao mesmo tempo se veja única e diferente dos demais, com olhar de respeito para também as singularidades dos demais. Louro (2012 *apud* Souza e Diniz, 2021, p.2) reforça dizendo que “compreende-se os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem até mesmo ser contraditórias”, nos mostrando que somos, enquanto pessoas, mutáveis, e que passamos por transformações mediante vários fatores, sejam sociais, culturais, religiosos dentre outros, e para tanto, devemos cuidar desde a infância, para que essas pluralidades sejam vistas como uma heterogeneidade da sociedade como um todo. Silva (2012, p.96) também corrobora quando nos mostra que

Primeiramente, a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato - seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder.

Destarte, não se pode tratar a infância como sendo padrão, onde todos possuem as mesmas características e as diferenças são tidas como um detalhe à parte. A identidade é construída, portanto, na infância vê-se o momento ideal para tratar as singularidades mediante as pluralidades de uma sala de aula ou até mesmo da escola, visto que as vivências tidas neste ambiente, simulam as que estes seres terão dentro da sociedade.

A escola aparece como ambiente questionador e acolhedor, um ambiente que não fecha os olhos para adversidades, um ambiente que levanta questionamentos e responde às indagações mostrando para as crianças, desde sua tênue idade, que somos diferentes e que cada característica é pertencente à sociedade, uma sociedade que nos coloca padrões desde os desenhos animados, brinquedos, roupas e livros infantis. Contudo, não é o que vemos em grande maioria, já evidencia Souza e Diniz (2021, p.6) em “As tensões entre identidade e diferença no interior da escola, onde a diferença é vista como uma ameaça, algo indesejável, têm colocado o outro (aquele que é diferente de mim) numa posição de erradicação da alteridade.”.

Tratar as diferenças dentro da escola é um tema tido como proibido e complicado, visto que os educadores pensam ser o estopim para alguns problemas maiores, visto que muitas escolas ainda vivem no tradicionalismo colonial, onde os brancos tinham a superioridade no ambiente, e tratar deste tema é infringir este poder que deu certo até agora, contudo vemos que o mundo muda e as pessoas também, “o impacto dessas escolhas sobre a identidade da criança é devastador” (SOUZA e DINIZ 2021, p.6).

Vê-se de forma clara o fechar de olhos de algumas instituições quanto ao assunto nas ornamentações escolares, nas atividades, nas Contações de História, onde o protagonismo sempre são brancos, cabelos loiros e lisos, que não possuem deficiência, mostrando um padrão que não existe na vida real, contudo, crianças que crescem vendo essa falsa realidade, se veem como desviado da sociedade, um ser diferente, que não é normal, visto que um ambiente que primordialmente seria para lhe ensinar a diversidade entre pessoas, apenas passam um panorama tido como ideal.

A escola pode tratar de temas como diversidades, identidades e pluralidades de forma a educar, conversar, discutir e problematizar, abordar o tema desde a infância a fim de torná-lo natural e orgânico, “Independentemente da estratégia utilizada, a pedagogia, o currículo, os/as professores/as precisam colocar tais temáticas no centro dos discursos

da escola” (SOUZA E DINIZ, 2021, P.14-15), visto que na educação infantil é onde se forma o senso crítico e demais valores.

Essa convivência entre pares, dentro de uma instituição de ensino, começa a mostrar para a própria criança que cada ser humano é diferente, e que cada um tem seu modo e personalidade, dessa forma, a criança cria uma concepção de mundo em que todos somos diferentes, e que cada diferença importa para criarmos um mundo plural e heterogêneo. Kramer (1999 *apud* Filho *et al* 2006, p.19) mostra que “aceitar as crianças em suas formas próprias de expressão, socialização, com especificidades e diversidades, é requisito fundamental da concepção de criança como produtora e reprodutora de culturas”. Desta forma, mais uma vez corroborando com outros autores, vemos a importância da criança como um ser, que tem suas especificidades e singularidades.

Essa particularidade e personalidade, por vezes é punida pela sociedade, a tempo que à vista de alguns professores e escolas, uma turma tem que se comportar de maneira igualitária, e sabemos que o caminhar de uma criança se difere de outra mediante tantos aspectos diferenciados, o que nos faz observar em Filho (2006,p.43) que “é preciso refletir sobre os modelos vigentes, nos quais se concebe que todas as crianças devem seguir ao mesmo tempo, no mesmo espaço, as mesmas rotinas, em uma lógica que abafa a pluralidade e a diferença.”.

O educar é transformador. A escola pode inserir uma criança de tal modo que essas diferenças sejam respeitadas e vistas de maneira agregadora e não isoladora. A escola não é a única responsável pela inserção dessas diversidades, mas enquanto pedagogos/as vemos na primeira infância uma oportunidade de trabalhar temas que formam o caráter dessa criança no futuro, visto que na infância temos a base para o crescimento do indivíduo.

Nossa sociedade hoje vive em um mundo que as diferenças são motivos de violência, “Cria-se uma geração de jovens que não consegue respeitar o ser humano, simplesmente porque não vêem os outros como seus semelhantes” (MARTINS FILHO *ET AL*, 2006, p.47) incentivando cada vez mais uma violência por vezes velada. E como prática docente, nada mais maravilhoso que mostrar de forma lúdica essas diferenças e quão encantador pode ser conhecer e conviver com elas dentre de um ambiente, visto que quando essa criança crescer e se deparar em sua vida com as mesmas situações, ela já vai tratar de forma corriqueira e orgânica.

### **2.3 Representatividade na contação de histórias: diálogos plurais**

Tratamos aqui, como uma das maneiras lúdicas e criativas a Contação de História, uma prática que não se tem data específica de seu surgimento, visto que o ato de contar histórias é algo intrínseco ao ser humano, desde quando os homens das cavernas se reuniam ao redor de fogueiras e desenhavam em suas cavernas todo o seu dia a dia e sua caça para que os demais tivessem conhecimento, o que ainda hoje vemos em algumas inscrições rupestres. Este ato não tinha tanta importância, devido a oralidade ser, até então, inferior à escrita. Essas contações de histórias, repletas de saberes regionais, culturas populares eram destinadas a pessoas que não sabiam ler, então o que restava era se reunirem e contar suas lendas e contos.

Há alguns anos, em escolas, a Contação de história era utilizada apenas como uma forma de entreter e distrair as crianças, o que ainda se vê muito desse pensamento, porém, em algumas outras escolas, em nosso século, vemos ressurgir o Contador de História no âmbito educacional, trazendo a importância do Contar História não só como uma forma de distração, mas também como incentivadora na formação de futuros leitores e também como forma de trabalhar além da oralidade valores e diferenças entre as pessoas. Assim sendo, podemos dizer que a “A literatura infantil nasce dos contos populares, por isso a contação de histórias é a origem da literatura.” (SOUZA *ET AL*, 2011, P.237). Corroborando esta fala, vemos no artigo de Souza (*et al*, 2011, p.236) a importância da contação de histórias quando ela diz que

De acordo com vários estudiosos, a contação de histórias é um valioso auxiliar na prática pedagógica de professores de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. As narrativas estimulam a criatividade e a imaginação, a oralidade, facilitam o aprendizado, desenvolvem as linguagens oral, escrita e visual, incentivam o prazer pela leitura, promovem o movimento global e fino, trabalham o senso crítico, as brincadeiras de faz-de-conta, valores e conceitos, colaboram na formação da personalidade da criança, propiciam o envolvimento social e afetivo e exploram a cultura e a diversidade.

Desta forma, podemos ver que o primeiro pensamento da Contação de Histórias como apenas uma forma de entreter está obsoleta, vemos uma grande importância no ato de contar histórias, e quanto um professor pode utilizar desta prática para alcançar saberes e valores necessários para um ser dentro de uma sociedade tão diversa e plural.

Em meio a criatividade, ludicidade e imaginação, o educador pode utilizar a contação de histórias para trabalhar conteúdos específicos, mas também trabalhar temas como família, amizade, religião, aceitação, pluralidade, representatividade, diversidades culturais dentre tantos outros temas como Busatto (2003 *apud* Souza, 2011, p.239) mostra que “[...] esse caminho didático permitirá ao aluno valorizar a identidade cultural e a respeitar a multiplicidade de culturas e a diversidade inerente a elas.” o que reforça um dos objetivos deste trabalho que é a importância da Contação de Histórias para trabalhar a representatividade na educação infantil. A partir de uma história contada em sala de aula, a criança aprende e ao mesmo tempo, em sua imaginação trabalha a resolução de problemáticas, compreendendo na moral da história um aprendizado para o seu dia a dia.

A criança, através de sua imaginação e criatividade, se vê dentro da história, toma conta do personagem como se fosse ela, e a partir daí, se vê representada, em seu aspecto, em seu temperamento, em suas atitudes, “Sendo assim, o conto de histórias favorece o psíquico e emocional da criança, que enquanto cresce busca sua identidade baseada nos modelos que convive [...]” (SOUZA, 2011, P.241), bem como, de acordo com Abramovich (2014, p.143 *apud* Souza, 2019) “a literatura infantil desenvolve no ato de ler e ouvir histórias um potencial crítico, é daí que se pode pensar, duvidar, perguntar, questionar...’[...]”. Destarte, apontamos a importância da escolha das histórias a serem contadas, que contemplem a diversidade humana, que abordem o pluralismo das infâncias, que não venham com falsos padrões, que na primeira infância já tendem a excluir os que fogem deste padrão.

A literatura infantil por si, já traz uma pluralidade de histórias, envolvendo as crianças com suas mais diversificadas tramas e aventuras. Nestas histórias, podemos tirar lições com relação à valores, porém, pouco se vê personagens diversificados que representam nossa sociedade, onde há influências de diversos países, trazendo características e misturas para nossa pele, cabelo e sotaques como reforça Souza (*et al*, 2019) quando nos diz que “A população e a cultura no Brasil são historicamente marcadas pelas diversidades em que se percebe a necessidade de uma reeducação social mediante o convívio com as diferenças”, contudo, também temos as diferenças físicas, mentais dentre tantas outras que são minimamente reproduzidas na literatura infantil, trazendo uma dificuldade para o Contador de Histórias, ou até mesmo o professor, escolher uma história que traga representatividade.

Como mencionado nesta pesquisa, acreditamos que na primeira infância é quando estamos formando os valores e ética da criança, e a partir de imagens de personagens de uma história que fogem do padrão da indústria, a criança começa a colocar esses personagens dentro de sua imaginação como mais um tipo que ela conheceu, não trazendo estranheza em uma posterior história ou situação de seu dia a dia, é mostrar as diversas formas que nos apresentamos enquanto sociedade, “Refere-se aqui, em pensar na libertação do oprimido como fator importante para a construção de autonomia e igualdade na diversidade que nos cerca e que é tão marcada por tanto preconceito” (SOUZA *ET AL*, 2019). É tratar o ensinamento das diversidades e representatividades como um ato libertador na educação, é minimizar um futuro ser repleto de pré-conceitos, menciono o termo desta forma por se tratar de conceitos que ainda não foram ensinados, apreendidos e absorvidos durante o crescimento.

Assim sendo, mostra-se neste trabalho a importância do professor/Contador de Histórias escolher histórias que não só este se identifique e interprete-a de maneira criativa e lúdica, mas também que a escolha da história seja pensada, de forma a acrescentar na vida desta criança não só uma ‘Moral da História’, mas apresentar para esta personagens negros, com deficiência, cabelos cacheados e crespos, até mesmo penteados como o ‘black power’, personagens surdos, personagens com vitiligo, e mostrar as dificuldades que este personagem pode enfrentar por ter tais características.

Apresentar a criança princesas que usam calças e bonés, princesas e príncipes negros, são formas de mostrar o pluralismo presente dentro das histórias infantis, mas que também podem representar uma sala de aula diversa, heterogênea, e que cada um pode dentro de sua singularidade, mostrar aos outros, novas formas de se apresentar enquanto pessoa. Ressalta-se aqui, que o grande incentivador desta mudança na educação é o professor, ou até mesmo o que pode dar o ‘pontapé inicial’ nesta modificação de visão das escolas, visto que, segundo Souza (*et al*, 2011, p.245) nos diz que o

professor/contador deve descobrir razões pelas quais contar histórias, para quem contá-las e em que contexto. Salienta a importância de o professor/contador estar sensibilizado com a narração; é preciso que haja identificação entre o narrador e o conto. Com a história escolhida, o passo seguinte é estudá-la, buscando suas intenções e apreendendo seu simbolismo.

Assim sendo, parte do professor/contador a intenção da história escolhida, destaco aqui que a intenção não é abdicar de clássicos infantis, visto que já fazem parte da história

como um todo, onde o termo já deixa claro quando mencionamos clássicos. Mas também ressalto a importância de abordar novos autores e novos livros que começam a habitar as livrarias trazendo temas mais atuais e que trazem em suas folhas a representatividade, que conseqüentemente a criança que o ler, ver ou escutar sua história, vai se sentir parecida, dentro ou até mesma a personagem deste livro, e não um personagem distante, perfeito e que nunca terá a oportunidade de ver pessoalmente. Esse novo contexto, a ser implementado nas escolas, trazem consigo novos autores e novas histórias,

Os contos modernos são narrativas originais criadas por autores contemporâneos que trazem uma renovação do universo maravilhoso, abordam o cotidiano das crianças, desde as situações mais comuns até temas sociais, existenciais, éticos, religiosos de nossa época e com os quais estes estão em contato. (SOUZA *ET AL*, 2011).

Esse universo de autores contemporâneos, que abordam a representatividade na Literatura Infantil ainda não é uma grande quantidade, vemos poucos livros ainda com temáticas que abordam as diferenças e pluralidades, porém, mediante a necessidade vista em nossa sociedade, onde existem inúmeras mortes por puro ódio e preconceito, vê-se a necessidade de abordar essas temáticas desde a primeira infância, para este ser criança cresce com uma base alicerçada não só na educação, mas no respeito às diversidade e principalmente respeito si próprio.

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

Inicialmente faremos uma pesquisa bibliográfica, buscando obras já publicadas, trazendo apontamentos de teóricos e colaborações de escritores da atualidade como Tomaz Tadeu da Silva em Currículo e Sarmiento em Infâncias Plurais, bem como reforça Sousa (2021, p.65) quando nos diz que

A pesquisa bibliográfica está inserida principalmente no meio acadêmico e tem a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas.

A pesquisa bibliográfica nos permite permear dentre algumas visões da temática que queremos explorar, trazendo apontamentos que corroborem com a nossa visão, mas também argumentos que contrapõem. Destarte, de acordo com Sousa (2021, p.65) “Ela nos auxilia desde o início, pois é feita com o intuito de identificar se já existe um trabalho científico sobre o assunto da pesquisa a ser realizada”, ressaltamos entretanto, que não possuem pesquisadores na academia que venham colaborar em algumas temáticas aqui abordadas, visto que o objeto de estudo desta pesquisa é atual e ainda em crescimento dentro dos pesquisadores.

Dentro da pesquisa bibliográfica, decidimos utilizar os níveis exploratório e descritivo. Exploratório por queremos adentrar em temáticas pouco abordadas, e, portanto, necessitando buscar mais fontes e teóricos que embasaram o presente trabalho como bem explica Silva (p.21)

Esse tipo de pesquisa apresenta menor rigidez no planejamento. É desenvolvida com o objetivo de proporcionar visão geral acerca de determinado fato. É realizado especialmente quando o tema é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipótese (GIL, 1999; CERVO; BERVIAN, 2002).

Faremos também a análise de obras composta por cinco Livros de Histórias Infantis, que abordam algumas diversidades, utilizamos o nível descritivo, visto que já obtivemos um embasamento teórico que fortalecesse nossos argumentos quanto ao teor e utilização das obras como Silva (p.21) reforça falando que

Nas pesquisas descritivas, normalmente, os pesquisadores possuem um vasto conhecimento do objeto de estudo, em virtude dos resultados gerados por outras pesquisas (GIL, 1999; CERVO; BERVIAN, 2002).

Ressaltamos que essa amostragem não contempla a totalidade de representatividade que temos em nossa sociedade, inclusive por falta de literatura em cada segmento, desta forma escolhemos apresentar e analisar cinco livros.

A pesquisa tem abordagem qualitativa visto que o foco não é apresentar números e sim processos e situações que possam ressaltar a problemática aqui discutida e colaborar com as respostas a que nos propomos solucionar ao final deste trabalho, para tanto, deixa-se claro que, segundo Silva (p.20) na abordagem qualitativa

Não há uma preocupação com medidas, quantificações ou técnicas estatísticas de qualquer natureza. Busca-se compreender, com base em dados qualificáveis, a realidade de determinados fenômenos, a partir da percepção dos diversos atores sociais (GIL, 1999; CERVO; BERVIAN, 2002).

Escolhemos o livro “Tudo bem ser diferente” como sendo o primeiro a ser analisado, já que a obra infantil contempla todos os tipos de diversidade, seja físico, emocional, sentimental, gostos, dentre outros. É o livro que abre nossa pesquisa com a intenção de abranger a pluralidade de todos os seres, demonstrar que dentre todas as diferenças citadas no livro, o importante é ser especial.

O segundo livro é “Amoras”, uma obra bem avaliada por ter como autor um cantor e rapper Emicida, que escreve letras de músicas que abordam problemáticas da sociedade. Amoras também vem com este propósito, mostrar ao leitor algumas referências de culturas diferentes, religiões, vocabulários e também a cor da pele, o que se reforça na ilustração da personagem e no teor da história, que será melhor analisada posteriormente.

A terceira obra escolhida foi o livro “O pequeno príncipe preto” que em seu título faz alusão ao livro “Pequeno Príncipe”, porém, fazendo uma troca nas características do personagem, trazendo como o protagonista um menino negro como príncipe, que de pronto já mostra qual o propósito da obra, de quebrar os padrões. O livro extenso fala de ancestralidade e cor de pele.

O quarto livro a ser escolhido foi “Serei sereia” que trata de uma menina que nasceu sem poder andar, desta forma, trazemos a representatividade de um deficiente físico, mostrando suas alegrias, angústias e felicidade, sentimentos que todas as crianças e adultos podem sentir.

O último livro a compor nosso projeto é “Olívia tem dois papais”, um livro desafiador e polêmico, visto que trata de uma menina que é filha de um casal homoafetivo, assunto que ainda rende preconceito, repúdio e indignação dentro da sociedade, desta

forma, mais uma representatividade que trazemos para tal trabalho, deixando-o com cinco livros diferentes entre si, mas que dialogam quando tratam das diferenças voltadas ao público infantil.

Para concluir nosso caminho metodológico, teremos os resultados e discussões provenientes das análises dos livros em consonância com os aportes teóricos, a fim de responder nossa pergunta norteadora e alcançar nossos objetivos.

**Figura 1** - Percurso Metodológico



**Fonte:** Autoria Própria, 2022

A seguir começaremos a analisar as obras escolhidas, baseadas nas Infâncias Plurais que temos em nossa Sociedade, com olhar crítico e reflexivo sobre aspectos físicos dos livros, bem como textos e ilustrações, mas também a densidade dos assuntos abordados e sua inserção na atualidade.

## 4 ANÁLISE CRÍTICA DAS OBRAS INFANTIS: DISCUSSÕES E INQUIETUDES

Ao analisar as obras partimos da premissa que estaremos abordando a obra física, os cinco livros escolhidos bem como o ato de Contar Histórias, que consiste em ler a história, analisar seus pontos principais, e porventura adaptá-las à faixa etária da turma que a assistirá. Os livros escolhidos para análise neste trabalho abordam diversas faixas etárias, mas como mencionado anteriormente, o Contador de Histórias tem a liberdade de adaptá-las, que no caso do nosso estudo, será focado na Educação Infantil.

A Contação de história proporciona à criança várias aprendizagens, desde a formação psicológica e cognitiva, já que esta viajará por um mundo de encantamento, faz de conta e ensinamentos, muitos, quando não a maioria, com um valor a ser aprendido ao final. Contudo, a contação de histórias não se resume a apenas um mundo imaginário e fantástico, Dantas (2019, p.2) reforça quando nos mostra que a Contação vem

proporcionar uma viagem(sic) pelo mundo do faz de conta, além de encantar, contribui de maneira eficaz, tanto na construção do imaginário da criança quanto no processo de formação da fala, da leitura e da escrita, pois dá asas a sua imaginação, distinguindo o real do irreal, e estabelecendo afetos conflitantes [...].

Contrariando alguns pensamentos, a Contação de Histórias, bem como os Livros Infantis, eles não servem apenas como brincadeiras ou para fazer a criança dormir, eles possuem a característica de através do encantamento, adentrar em assuntos mais densos, como no caso da nossa pesquisa, aborda a representatividade, trazer assuntos da Sociedade, como as diferenças de uma maneira leve e natural, associando ao dia-dia e as próprias crianças de uma instituição/sala de aula. De acordo com Dantas (2019, p.3) na antiguidade, esta rara representatividade, era vista no Brasil no século XIX onde

encontrou nos personagens negros sua representatividade, que através da oralidade transmitiam as narrativas, como depositários de uma tradição situada no passado, a ser registrada e resgatada através da literatura infantil.

Para que esta representatividade e trabalho com as diferenças sejam abordados dentro de uma contação de História, se faz necessário primeiramente a formação do educador, para que este tenha além do ato prático de contar e encantar as crianças, um senso crítico ao escolher as obras, pois o que se observa, em grande maioria, é que as Histórias apresentadas são sempre as mesmas, as clássicas, que nos trazem apenas

características de uma parte da sociedade, parte está beneficiada e que não sofrem preconceitos; posteriormente necessitamos de mais acervo que abordem as diferenças presentes em nossa Sociedade. Hoje vemos um maior oferecimento de obras que abordam a questão racial, porém, as outras representatividades estão aparecendo nas prateleiras de livrarias de modo tímido e lento.

Para o presente projeto escolhemos cinco livros que abordam alguns tipos de diferenças, ressaltamos que por tempo hábil não seria possível abordarmos todos os tipos de representatividade, inclusive por falta de obras que abordam algumas singularidades. As obras analisadas abaixo serão “Tudo bem ser diferente”, “Amoras”, “O pequeno príncipe preto”, “Serei sereia?” e “Olívia tem dois papais”.

### ● **TUDO BEM SER DIFERENTE**

O livro “**Tudo bem ser diferente**” escrito por Todd Parr, autor que traz em suas obras questões do dia-dia como família, medo, relacionamento com outras culturas, encontra-se em sua 28ª edição, esta sendo publicada em 2021. Sua primeira edição foi em 2009, contendo 32 páginas e tendo indicação de faixa etária de 6 a 7 anos, dados que se repetem na 28ª edição.

O livro apresenta-se de forma bastante lúdica, com muitas cores, tanto em sua capa, letras e principalmente em páginas, onde cada uma é de uma cor diferente, já suas letras são grandes e em caixa alta, de fácil leitura, reforçando o que Dantas (2009, p.7) nos diz quando utiliza falas de Paiva (2010) mostrando que

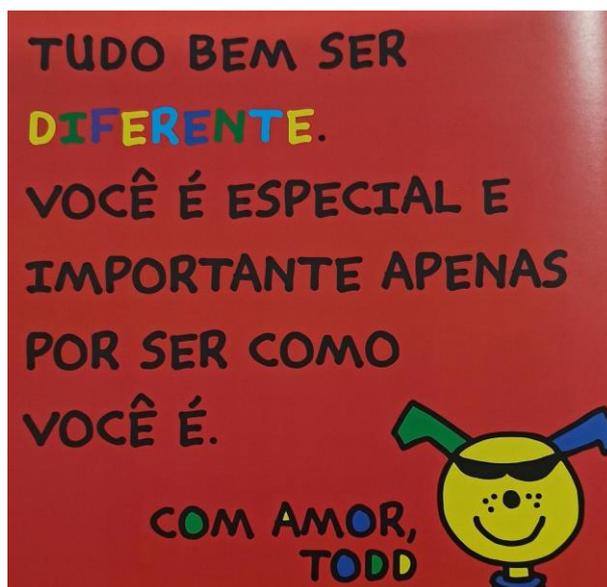
O interesse pela obra começa a ser despertado pelo tipo de livro e a forma que apresentamos à criança, pois para atender suas necessidades deve povoar a imaginação, estimular a curiosidade, divertir e por último, sem imposições, educar e instruir.

O livro não possui um personagem principal, mas vários personagens que possuem características, personalidades, nacionalidade e sentimentos diferentes, assim, deixando claro que o tema principal é mostrar as diferenças entre os personagens, e que essa diferença não quer dizer que seja algo ruim, é algo natural, pois cada um terá sempre uma diferença para com o outro.

Em sua última página, o autor nos deixa a mensagem que “Você é especial e importante apenas por ser como você é” (Figura 2) trazendo a importância do Ser enquanto pessoa, e não de suas características físicas, sentimentais, locais ou

comportamentais. O importante que o autor nos traz é tratar essas diferenças com naturalidade, como quando ele diz “tudo bem” mostrando-nos que o fato de que ter pouca estatura, usar óculos ou ser uma pessoa que usa cadeira de rodas, seja natural, algo que nos pertence e que nos torna especiais e singulares diante das diversidades.

**Figura 2** - Final do Livro



**Fonte:** Registro fotográfico do livro físico

O tema tratado no livro “Tudo bem ser diferente” é atual pois trata das diferenças existentes entre todos os seres, principalmente hoje que apesar de tratarmos mais abertamente os temas com representatividade, ainda assim, temos altos índices de preconceito. Quando levamos para a infância, podemos ver na educação de base temas como bullying e traumas, advindos de preconceitos sofridos dentro de sala de aula. Desta forma, o livro vem colaborar tratando essas diferenças ainda na infância como algo natural, mostrando que todos vamos ter várias diferenças, e isso termina por nos tornar especiais e singulares.

- **AMORAS**

A obra intitulada “Amoras” tem como autor o rapper Emicida (nome artístico), que nasceu como Leandro Roque de Oliveira em São Paulo. Sua origem humilde fez com que a sua imaginação fosse seu diferencial, por isso começou a criar histórias, seja no

formato de poesias, rap ou livros. Amoras, seu primeiro livro escrito, foi publicado em 2018 e seu título foi baseado em sua música homônima, O livro contém 44 páginas, indicado para crianças de 4 a 5 anos e já se encontra em sua 17ª reimpressão.

O livro conta a história de um pai e uma filha, eles não são nomeados, mas de acordo com as características, a menina é uma criança pequena ainda, já que na escrita diz “Em um passeio com a pequena no pomar explico que as pretinhas são o melhor que há” e também se reforça diante as ilustrações de uma menina negra bem pequena. Já o pai, não fica tão explícito, porém, uma das ilustrações se assemelha ao próprio autor Emicida, fazendo com que o leitor acredite que ele é o pai na história.

Amoras aborda diversos temas, trazendo a religiosidade quando aborda Deus e Alá como chamam os muçulmanos, Diferenças culturais quando apresenta palavras de origem africanas (Obatalá e Orixá) dentro de um livro de origem brasileira, também cita personalidades negras (Martin Luther King e Zumbi dos Palmares) que lutaram pelo caráter da humanidade e não por serem julgadas por sua cor, e para finalizar, retiramos como a “Moral da História” que o que importa não é o tamanho, cor ou outra característica, mas o importante é seu interior.

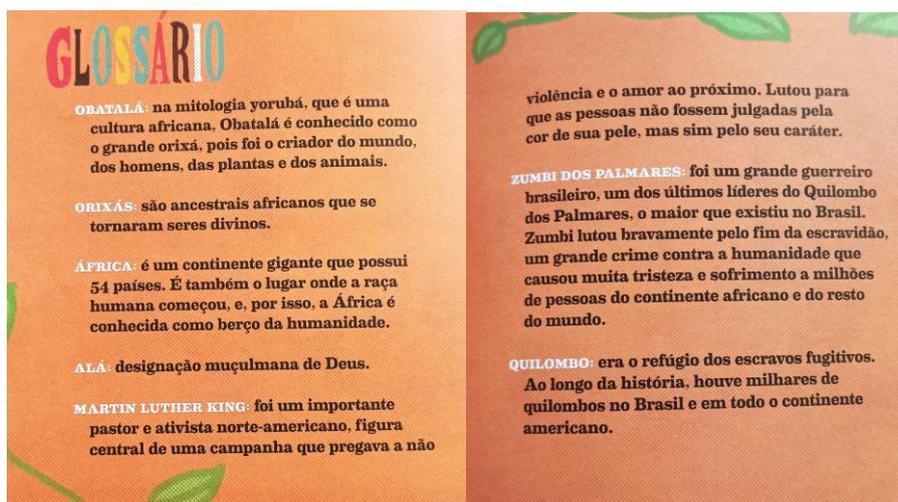
Sua narrativa permeia rapidamente entre a facilidade e a complexidade dos conteúdos e mensagens. No trecho “Pode olhar, lá tudo é puro e profundo que nem Obatalá, o orixá que criou o mundo.” traz palavras de origem africanas quando ao mesmo tempo nos mostra que o que chamamos de Deus para os africanos é Obatalá, dessa forma, já nos agrega um conhecimento de outra cultura e religião, trazendo de forma natural uma representatividade religiosa e cultural. O mesmo acontece no trecho “Por que choramos ao chegar? dizem que por nos afastar de Deus, que é o que os muçulmanos chamam de Alá”. Dessa forma, em Amoras, já aprendemos duas outras formas de chamarmos Deus. Na página seguinte, possui uma ilustração de Ganesha, que na mitologia hindu é o Deus do Intelecto, desta forma vemos o quão complexo é a análise do livro Amoras e como ele retrata a diversidade presente em vários países, religiões, culturas, línguas etc.

A pequena criança é descrita “Com olhos de jabuticaba e cabelos de nuvem”, que nos passa características da personagem como tendo olhos pretos e cabelos afro. Posteriormente, a narrativa nos diz que “Em um passeio com a pequena no pomar, explico que as pretinhas são o melhor que há.” bem como “(...) quanto mais escuras, mais doces”,

assim, a criança associa seu estereótipo à descrição da fruta amora e fica feliz, pois ela também é pretinha, portanto doce e o melhor que há.

Outra parte do livro de bastante importância para a narrativa e conhecimento histórico das crianças são as páginas que Emicida cita Martin Luther King e Zumbi dos Palmares, onde o mesmo explica no glossário do livro (Figura 3), de forma resumida e didática, quem foram e sua importância para a humanidade.

**Figura 3 - Glossário do Livro Amoras**



**Fonte:** Registro fotográfico do livro físico

Desta forma, vemos o quão complexo é o livro Amoras e como ele vem agregar com a pesquisa na educação infantil, alguns pontos aqui destacados podem ser identificados apenas por adultos, mas à medida que o contador de história os pontua em sua narrativa, estes poderão ser assimilados pela criança de uma maneira mais leve e lúdica, desta forma trazendo ensinamentos para elas como Dantas (2019, p.7) nos mostra quando diz que

As narrativas desenvolvem nas crianças a criatividade e a imaginação, além de contribuírem na construção de conceitos e valores essenciais ao seu desenvolvimento. Lendo, adquirem saber, ampliam sua visão de mundo, enriquecem seu vocabulário, além de ingressarem num mundo de fantasia a ser descoberto, onde se deparam com histórias que divertem, fazem sonhar, suscitam dúvidas, dão respostas e apresentam novas emoções.

Amoras é um livro relativamente novo e traz consigo discussões sobre cor de pele, envolvendo uma criança que consegue fazer analogia da sua pele com a cor e doçura da

fruta amora. Hoje a luta contra o preconceito ainda continua, pois ele ainda existe, destarte a informação e exposição também aumentou, inclusive o oferecimento de literatura infantil que abordam a cor da pele seja em maior quantidade quando falamos das demais representatividades. Para concluir, o livro traz para a criança além de uma narrativa densa, cheia de significados e representatividade, uma oportunidade de ampliar seu vocabulário, podendo ser trabalhado não só na contação de história enquanto infância, mas como interpretação de texto, história e tantos outros segmentos nas demais idades.

### ● **O PEQUENO PRÍNCIPE NEGRO**

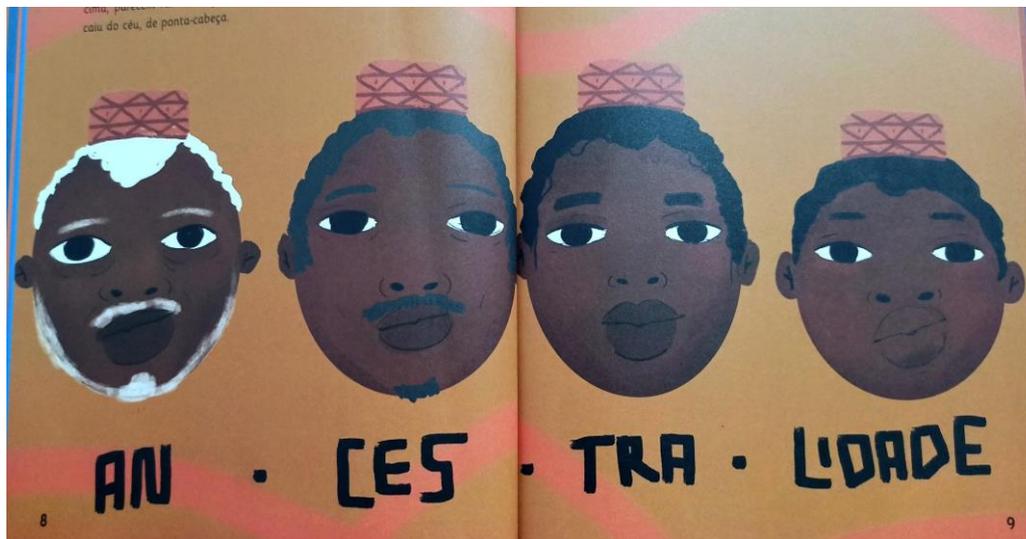
O livro **“O Pequeno Príncipe Preto”** foi escrito por Rodrigo França, articulador cultural negro, diretor, ator, dramaturgo, um ativista pelos direitos civis, sociais e políticos da população negra, ganhador de alguns prêmios e escritor de peças teatrais. A obra baseada na peça teatral que leva o mesmo nome, escrita e dirigida por Rodrigo França no ano de 2018, está em sua primeira edição, publicada em 2020 e composta por 32 páginas coloridas e ilustradas, possui faixa etária classificada entre 7 e 10 anos e nota-se que seu teor já é mais denso, com maior quantidade de textos e significados.

O livro tem o menino negro como personagem principal, este sendo um príncipe preto, algo não visto na literatura, o que normalmente vemos são príncipes brancos, cabelos loiros e olhos claros, mas este livro já começa a transgredir com a dita ‘normalidade’ a partir de seu personagem principal. O pequeno príncipe preto se descreve como tendo a pele “da cor do solo”, “cor de chocolate” e de “café quentinho”, a boca é “grande e carnuda”, com “nariz de batata”, olhos “escuras como a noite” e seu cabelo “não é ruim. Ele não fala de ninguém”. Portanto, são características de uma pessoa negra, que ele vai fazendo associações com coisas boas.

A obra aborda a ancestralidade (Figura 4), a importância de reconhecer as pessoas do passado que passaram ensinamentos e características para cada geração, bem como a importância de espalharmos coisas boas, sejam sementes de baobá ou sentimentos bons. Trata também da questão racial, visto que o personagem principal é negro, com olhos escuros, cabelos afros, nariz largo e lábios carnudos, o quão importante esta criança negra ser um príncipe, que suas características não o impedem de “plantar” e “colher” coisas boas. Mostra a importância de ter amigos, de não se importar com o que tem e sim com

o que se é. A raposa que aparece na história, faz alusão ao livro Pequeno Príncipe, que trata o ato de cativar como essencial para as relações entre as pessoas.

**Figura 4** - Páginas onde abordam a ancestralidade



**Fonte:** Registro fotográfico do livro físico

A narrativa do livro, como mencionada anteriormente, é bastante densa e com muitos significados, aqui abordaremos alguns pontos que chamaram atenção quanto ao fato de trazer à pesquisa a representatividade e suas diferenças para crianças que estarão diante à contação de história baseadas neste livro. No início da história o personagem já se descreve como “menino preto” e na mesma página como “príncipe”, mas uma vez desmistificando o fato de todo príncipe nas histórias infantis serem loiros, de pele branca e olhos claros. Ainda no início do livro é citada a “Ubuntu” que de acordo com pesquisa nas redes, se trata de uma filosofia africana que significa “minha existência está conectada à do outro”<sup>3</sup> trazendo mais uma vez a questão da ancestralidade africana bem como a empatia de saber que ninguém está só, que precisa-se do outro.

Outra parte importante é quando o autor coloca uma crítica quanto a nomear um lápis como sendo “cor de pele” quando na verdade “a pele pode ter tantos tons...” e completa mostrando que ele é negro, podendo ser mais claro que uns e mais escuros que

<sup>3</sup> Retirado de <A filosofia Ubuntu: o que é, onde surgiu e como ela se reflete em nossa sociedade? (ubuntufin.com.br)>. Acesso em 02 de março de 2022.

outros, mas continua sendo negro, e assim continua descrevendo suas características como já fora mencionado anteriormente.

Na página 12 da obra, são mencionados Iansã e Xangô que são entidades do Candomblé e Umbanda, trazendo para o livro mais uma representatividade através da religiosidade. Mais à frente, a raposa menciona que o menino negro é igual a “cem mil garotos que já conheci” e ele em seu pensamento diz que não é igual ao demais que “nós somos únicos. Não dá para se comparar a nenhum outro ser”, desta forma vemos que mesmo tendo semelhanças, cada um se diferencia do outro, e aqui levanto um questionamento: se todos temos diferenças, por que umas agridem mais que outras a alguns da sociedade, proporcionando preconceitos, distanciamentos, depressões, bullying dentre outros problemas?

Mais um ponto da narrativa que saltou aos meus olhos foi quando o menino menciona que as crianças estavam carregando bonecos e bonecas que não se pareciam com eles, mas que as crianças pareciam com o menino negro, chegando à conclusão que as crianças negras portavam brinquedos brancos, que não condiziam com suas características físicas. Separava-se também cor de meninas e cor de meninos, as brincadeiras também eram separadas, riam do sotaque do menino, da roupa, do cabelo, tudo o que vemos em nossa atualidade, que o que foge ao padrão elitista é tido como anormal, estranho, interessante, exótico, dentre outras denominações para um preconceito velado. Para finalizar o livro, é escrita a frase “Olorun Kosi Pure” que no Candomblé quer dizer Que esteja na paz.

O livro traz assuntos pertinentes à sociedade atual, questionamentos quanto à religiosidade, cor, características físicas que se torna cada vez mais relevante quanto ao questionamento preconceituoso existente. O livro ao ser contato para uma criança negra, ensina o quão importante ela pode ser, inclusive como um príncipe ou princesa, trazendo para o negro a importância de acreditar e defender seu passado, para só assim poder mudar o futuro. Embora o livro tenha faixa etária classificada para crianças maiores, o Contador ao ler e interpretar a história, tem grandes possibilidades de incluir esse menino preto, dentro de uma sala de aula, e mostrar os benefícios desta história para a evolução humana.

- **SEREI SEREIA?**

O livro “Serei sereia?” foi escrito pela autora Kely de Castro, uma bonequeira que faz e dá vida a bonecos, mas também é atriz, arte-educadora e pesquisadora, especialista em teatro de bonecos fundou sua própria companhia em 2010, a Companhia Animalenda, onde atua também como autora teatral. Além de todas essas atividades, Kely ainda é contadora de histórias e dá aula para professores sobre técnica de animação de bonecos. O livro foi lançado em 2016, classificado como literatura infanto-juvenil<sup>4</sup>, tem 36 páginas sendo estas coloridas, com textos extensos porém de fácil entendimento, utilizando letras de imprensa mas com inserções de letras cursivas em algumas páginas.

Inaiê, personagem principal da trama, é uma menina que ainda bebê perdeu os movimentos de suas pernas, fazendo com que ela fosse dependente de cadeiras de rodas, mas isso não fez com que em sua cabeça fosse algo delimitante, ela queria brincar como outras crianças, inclusive por vezes caindo e se machucando, mas qual a criança que não passa por isso? Inaiê cresceu escutando uma versão de sua história onde a mãe justifica o fato dela não poder mexer suas pernas, que é comparado com uma sereia, um ser que só existe na imaginação. Desta forma, vemos uma personagem muito criativa e que usa seu imaginário para lhe dar força em seus conflitos diários, e temos a mãe que também se utiliza do lúdico para transformar a vida da filha mais leve, embora sua aparente limitação física.

A obra traz como tema central a questão de uma menina que usa cadeira de rodas e seus conflitos no dia a dia, como a auto aceitação, a importância da aceitação do outro, a rotina de uma criança que usa cadeira de rodas, o preconceito sofrido dentro da escola, alegrias, angústias e tristeza de uma criança que tem que lidar com olhares de preconceito ou o que ainda pode ser pior, o olhar de pena.

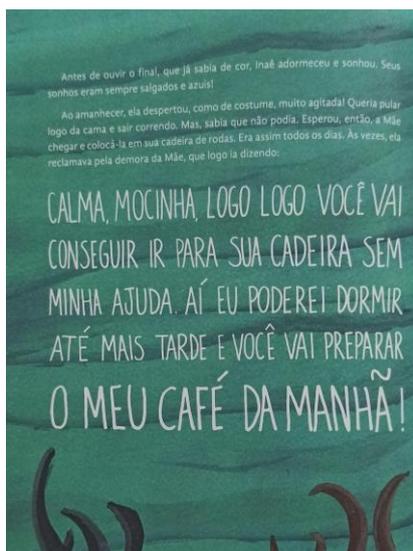
A história no início tem outra história dentro de si. No início, a mãe de Inaiê vai contar à filha a história de como ela nasceu, utilizando o imaginário e o lúdico. A partir desta história Inaiê descobre a origem de seu nome, que significa “mãe dos peixes” e também o fato dela não conseguir mexer suas pernas, pois na história contada pela mãe ela era uma sereia, que não possui pernas, mas que renasceu como humana ainda não

---

<sup>4</sup> De acordo com o site do Colégio Etapa, a Literatura infanto-juvenil são direcionadas para estudantes de 5 a 13 anos. Disponível em <<https://blog.etapa.com.br/colégio/literatura-infantojuvenil>>. Acesso em 02 de março de 2022.

podendo utilizar suas pernas. Outra parte interessante na narrativa é o fato de Inaiê acordar agitada e querer ‘pular’ da cama, algo que não seria possível para ela, mas que a mãe deixa bem claro que em breve ela conseguirá ir até a cadeira de rodas sozinha e então fazer o que ela quiser (Figura 5), mostrando a filha que a cadeira não a aprisiona, mas sabendo utilizá-la a seu favor, ela poderá fazer tudo.

**Figura 5** - Incentivo da mãe



**Fonte:** Registro fotográfico do livro físico

A mãe, a partir da hora que soube que sua filha não andava, ficou triste, mas na narrativa ela se dá conta que “Inaiê não andava, mas era capaz de fazer tantas outras coisas!”, então, desta forma a mãe decidiu tornar sua vida mais leve e lúdica, contando sempre a mesma história de sua origem. De acordo com a narrativa, o mundo imaginário da personagem lhe era mais animador que o mundo real quando ela diz que “Era como se existissem dois mundos, o real e o que ela inventara. E muitas vezes o mundo inventado parecia muito mais real do que o verdadeiro”, podemos concluir que no imaginário ela era mais feliz e sua vida era mais fácil e alegre, sem preconceitos ou julgamentos.

Uma parte da história a autora apresenta a cadeira anfíbia, que é uma cadeira especializada para ser utilizada na praia, visto que as demais cadeiras de rodas não podem entrar em contato com a areia e principalmente a água do mar, desta forma, a apresentação da cadeira anfíbia, aquela que pode ser usada na terra ou na água, é apresentada como uma opção de inclusão para pessoas que usam cadeira de rodas.

De forma bastante conflitante, e como educadora que estou me tornando vejo como angustiante e inadmissível, é a descrição que Inaiê faz sobre sua ida até a escola. No texto já começa a expectativa de um dia ruim quando a autora coloca

Na escola, ninguém queria brincar com Inaiê. Todos achavam que, só porque ela não andava, não era capaz de fazer mais nada. Além disso, as crianças, e até alguns professores, tinham medo de machucá-la. Pior ainda, tinha gente que achava que ela estava doente, enquanto na verdade ela sempre fora muito saudável.

Também ressalta o fato que acontece no dia-dia na sociedade, trata-la como “a menina da cadeira de rodas” e não pelo seu nome de batismo, eram várias as angústias de Inaiê e sua mãe tentando amenizá-las ou até mesmo trazê-las como fortalecimento à filha quando dizia que eles o tratavam dessa maneira porque não a conheciam. Em um recorte da narrativa, a personagem diz que ela pode brincar mesmo que em uma cadeira de rodas, e cita um amigo que não faz distinção quanto à sua deficiência, mas que a trata da mesma maneira, brincando com brincadeiras existentes, bem como inventando algumas adaptadas para que ambos pudessem brincar juntos. Enquanto em sua escola, na hora do recreio, ela ficava em seu canto, comendo o lanche e apenas vendo as crianças brincarem de jogar bola. Mas quando, por acidente, a bola bateu nela e ela sentiu que poderia se juntar aos demais brincando também jogando a bola de volta, vêm a pena por acharem que bateu na “menina de cadeiras de rodas” e que ela não teria como se defender. Ficou explícito para ela a diferenciação que faziam dela para os demais.

Esse momento na narrativa, impulsionou ao mesmo tempo que ela sentia triste, veio também a coragem de mostrar que ela poderia fazer sim algo, ela poderia se defender, mas que seu refúgio era o mar, onde ela já citara no começo do livro que era mais fácil de se morar. Por sua vez, a mãe mostra para a filha que nada vai ser fácil, que deveremos enfrentar os medos, angústias e tristeza, mas que para isso é preciso estar viva, pois enquanto viva, ela pode ser o que desejar como bem fala no trecho

Filha, você pode ser uma sereia e pode ser o que mais você quiser na vida, acredite em mim. Você pode ser professora, cantora, médica, atriz, veterinária...o que você quiser! Mas, para isso você precisa viver, viver a sua vida! E a vida não é feita apenas de sonhos coloridos, às vezes viver é difícil!

Para concluir, fechamos a narrativa com “Diante disso tudo, ela preferia viver, viver justamente para transformar as coisas boas em coisas boas!” trazendo para o leitor

que cada um pode mudar essa situação, tanto ela, que é a protagonista da história, mas também o outro pode mudar esse olhar de pena e preconceito para o olhar de inclusão.

Mais uma obra que nos traz representatividade, o olhar de uma menina que usa cadeira de rodas sobre seu dia a dia e o que sofre de preconceito, inclusive dentro de um ambiente escolar, que dialoga perfeitamente com os dias de hoje, ressaltando que a obra foi escrita em 2016 e já falava-se sobre as diferenças pois em 6 de julho de 2015 foi promulgada a Lei nº 13.146, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)<sup>5</sup> que expõe

Art. 4º Toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação.

§ 1º Considera-se discriminação em razão da deficiência toda forma de distinção, restrição ou exclusão, por ação ou omissão, que tenha o propósito ou o efeito de prejudicar, impedir ou anular o reconhecimento ou o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais de pessoa com deficiência, incluindo a recusa de adaptações razoáveis e de fornecimento de tecnologias assistivas.

§ 2º A pessoa com deficiência não está obrigada à fruição de benefícios decorrentes de ação afirmativa.

Art. 5º A pessoa com deficiência será protegida de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, tortura, crueldade, opressão e tratamento desumano ou degradante.

Desta forma, vemos que algo escrito anteriormente ainda tem relevância nos dias de hoje, haja vista que o preconceito cresce à medida que a discussão sobre o tema também cresce, mas não é um assunto visto dentro da escola no âmbito infantil, por vezes ainda vemos trabalhos isolados com o Ensino Fundamental e Médio, mas a base da educação está na Educação Infantil, quando tratamos das diferenças, respeito, diversidade e essa criança se vê representada neste discurso, a tendência é crescer já com valores bem consolidados.

Apesar do livro abranger uma gama de idade relativamente grande, reforçamos a participação do professor como contador de histórias para adaptá-la a cada faixa etária, contudo, sua escrita é bastante clara, trazendo a história da personagem principal utilizando de suas alegrias e tristezas. A criança que não possui deficiência terminará a contação com olhar mais generoso e atencioso para não repetir o que fizeram com Inaiê

---

<sup>5</sup> Retirado de <[L13146 \(planalto.gov.br\)](http://L13146(planalto.gov.br))>. Acesso em 03 de março de 2022.

em sua escola, já aquele aluno com deficiência e principalmente que usa cadeira de rodas, vai se ver representado na história e pode inclusive sociabilizar o seu ponto de vista enquanto sujeito de fala, mostrando o que o mesmo passa dentro da escola e/ou em seu dia-dia, com suas dificuldades, mas também com suas fortalezas. De maneira lúdica, uma contação de história pode se tornar facilmente uma aula sobre inclusão, sobre representatividade e principalmente sobre respeito.

- **OLÍVIA TEM DOIS PAPAIS**

A obra infantil “**Olívia tem dois papais**” foi escrita por Márcia Leite que além de escritora também acumula funções como editora, educadora, escritora de roteiros de teatro e programa na TV Cultura. Márcia escreveu seu primeiro livro há mais de 20 anos, e na ocasião se encontrava grávida de seu primeiro filho, hoje a escritora totaliza mais de quarenta obras criadas.

A obra analisada tem sua primeira edição publicada em 2010, e em nosso trabalho analisaremos sua 2ª reimpressão datada no ano de 2020. O livro possui 48 páginas intercalando textos com letras de imprensa e ilustrações, e sua classificação etária está entre 6 e 8 anos. O livro tem como personagem principal uma menina chamada Olívia, que por meio da ilustração se trata de uma pequena criança, de cor escura, com cabelos cacheados e fora adotada por dois homens (Figura 6), que também permeiam a narrativa como personagens importantes, visto que configuram um casal homoafetivo e possuem diálogos pertinentes ao tema do nosso trabalho.

**Figura 6** - Olívia e seus dois papais



**Fonte:** Registro fotográfico do livro físico

O livro aborda a questão da nova concepção familiar, que não se resume a um tipo, mas em tipos diferenciados. No caso de Olívia, além de ser uma criança adotada, ela foi escolhida por um casal homoafetivo masculino, desta forma, sua família consta de uma criança com dois pais adotivos. Como tema principal vemos a questão de uma criança querer a atenção dos seus pais, desta forma ela brinca, mas também faz de tudo para que seus pais brinquem com ela, inclusive de coisas tida como de “meninas”.

Com narrativas bem claras, o livro aborda alguns pontos específicos que vemos no nosso dia-dia, alguns deles permeiam nossas cabeças em forma de indagações. No início do livro, Olívia chama de “papai Raul” e “papai Luís” como forma de diferenciar os pais, visto que ela não tem uma mãe e um pai, e sim dois pais. Já na página 21, o papai Raul responde a um questionamento da filha quanto ao que ele brincava quando era pequeno, o diálogo a seguir, nos mostra um comportamento bastante presente na sociedade, que é a diferenciação do que pode ser vivenciado por meninos e por meninas

- Não, filha, eu brincava de outras coisas. Não tinha boneca lá em casa.
- Do que você brincava então? - Olívia insistiu.
- De brincadeiras de menino, com tio Roberto. Carrinho, futebol, videogame, luta, bicicleta. Coisas assim.
- Então você nunca brincou de boneca? Nunca brincou de mamãe e filhinho? Que intrigante! - ela refletiu em voz alta.

Vemos nesta narrativa que para uma criança, é intrigante esta diferenciação, visto que ela não leva em consideração a sexualidade de cada pessoa ao escolher uma brincadeira. Brincadeira é brincadeira! E deveria ser algo geral, sem diferenciação, porém, vemos também que mesmo o pai tendo um companheiro, ele reproduz para sua filha o que ele passou em sua infância, distinguindo as brincadeiras masculinas das femininas.

Mais um ponto importante da narrativa é quando Olívia fala “Por isso vocês me escolheram. E eu virei uma filha e vocês viraram papai Raul e papai Luís!”, trazendo para o leitor que a menina foi adotada, utilizando o verbo escolher como algo pontual, algo que foi priorizado pelos dois pais. Posteriormente a menina diz “E a gente virou uma

família e viveu feliz para sempre!” fazendo uma alusão aos contos tradicionais infantis que finalizam suas histórias com “E foram felizes para sempre”, porém, neste caso nos mostrando uma nova concepção de família, e mesmo assim felizes, retirando a concepção de que para ser feliz tem que possuir uma família tradicional.

O que antes analisamos uma narrativa do “papai Raul” falando sobre “brincadeiras de menino”, vemos se repetir com o “papai Luís” e sua filha no diálogo abaixo:

- Papai Luís, você brincava de casinha quando era do meu tamanho? - era uma pergunta bem parecida com a que Olívia tinha feito ao papai Raul.

E o pai nega que brincava de casinha, mas brincava de ser professor. Não fica explícito na narrativa, mas enquanto leitora, mais uma vez passa a ideia de que brincar de casinha é algo feminino e não masculino, tanto que a menina novamente fica intrigada. Isso se confirma quando na página seguinte Olívia cita sua conversa com o amigo Lucas:

- Sabia que o meu amigo Lucas disse que o pai dele não sabe cozinhar? E ele também falou que as mulheres é que devem fazer comida, não os homens - Olívia contou.

Desta forma, mais um assunto que vemos ser discutido dentro do livro, que é o machismo, incluído na infância das crianças, mas desmistificado dentro da obra de Márcia Leite. Este mesmo amigo Lucas, ainda fala, de maneira provocativa, que Olívia não tem mãe e ela expõe sua tristeza quanto a isso, e também rebate dizendo que pode não ter mãe mas tem logo dois pais.

O curioso é um assunto tão moderno e atual, muito comentado no ano em que nos encontramos (2022), ter sido criado há 12 anos. Hoje ainda vemos o preconceito quanto ao assunto, entretanto a autora teve a sensibilidade de abordá-lo em um livro infantil, o que, ao meu ver, não seria um livro utilizado em escolas, justamente pelo fato de ser, ainda, um “tabu” dentre muitos da sociedade, e desta forma, mesmo a escola não tendo essa posição, passaria por abordagens rígidas de pais que a possuem.

O livro vem quebrar com alguns paradigmas, como coisas de menino e menina, atos que só podem ser feitos por mulheres, a adoção e principalmente a capacidade de um casal homoafetivo adotar uma criança. Para a contação de história, de forma adaptada para a educação infantil, as crianças não levariam em conta essa questão preconceituosa, pois sua tenra idade não permite que ela tenha esses pensamentos que distinguem ou julgam ser uma vergonha ou errado. Porém, se em alguma sala tiver uma realidade dessa, a criança se sentirá acolhida, representada como algo normal, visto que seu(sua) professor(a) está contando uma história semelhante à sua.

Para concluir a análise dos livros, ressaltamos que as cinco obras aqui mencionadas possuem representatividades diferenciadas, mas como dito anteriormente, não contemplam a imensidão de singularidades que existem entre todos os seres humanos. Observamos também que os livros têm em comum o fato dos personagens terem que justificar suas peculiaridades/diferenças, mostrando “que tudo bem ser diferente” ao mesmo tempo que expõem suas dificuldades, tristezas, angústias e revoltas de não se sentirem membros de uma “normalidade” imposta pela sociedade, que ultrapassa muitos anos e ainda perdura nos dias de hoje.

Em pesquisas vimos que o que nomeamos de diferente, só recebeu esse nome porque uma classe dominante se classificou como “normal”, pois todos somos e temos características diferentes. Dessa forma, deixo como uma inquietação, a pergunta: porque não tratamos uma princesa loira de diferente? Ao mesmo tempo já antecipo a resposta dizendo que é reflexo do estereótipo da classe rica, poderosa, que consegue tudo, que tem sua escolha, com características delicadas, meigas, educadas e lindas, por conseguinte, ver um negro apresentado como príncipe na história “O Pequeno Príncipe Preto” é algo “diferente”, pois o preto tem o estereótipo grosseiro, que se desenvolve bem em atividades de força e carga, com características mais robustas, tudo decorrente à antiguidade onde o negro era escravo, que sua atividade era servir os outros com sua força.

Assim sendo, o Contador de Histórias têm como responsabilidade não só a apresentação (Contação) de um livro clássico, mas também pesquisar o que seria interessante passar para uma criança, o que esta história pode trazer de aprendizado para esse aluno, podendo a partir dessa escolha, dar o pontapé inicial para uma educação transformadora, onde além de apresentar-lhe os clássicos livros de história, que de forma alguma retiramos sua importância na literatura infantil, e também trazer livros que

representem a diversidade que se apresenta em uma sala de aula, como pequena amostragem, mas, e principalmente, na sociedade.

De maneira divertida, podemos abordar a característica de uma criança trazendo-a para a zona da dita “normalidade” bem como atingir a outra criança quando ao fato de respeitar as características que o outros tem que não se assemelha com a sua. Ambos os lados saem com aprendizados. Contudo, o que podemos observar é que incluir a representatividade dentro dos livros infantis, e conseqüentemente na Contação de História, não é algo fácil, primeiro pelo fato da quantidade e acessibilidade a tais obras, ainda são poucas as opções e quando encontradas são de valor oneroso, mas também pela aceitação das Escolas, Professores e Pais, este sendo o maior empecilho, pois a mudança é demorada e ainda vivemos em uma sociedade preconceituosa.

Dito isto, aos meus olhos de conluente em Pedagogia mas já atuante na área de Educação Infantil enquanto Professora e Contadora de Histórias, é que todos os livros analisados possuem grandes ensinamentos e valores, mas que não fazem parte do repertório escolar, entretanto, o livro “Olívia tem dois papais” teria uma repulsa muita grande ao ser cotado para uma contação de histórias, visto que uma das obras trata das diferenças no geral, e as outras três obras tratam de personagens com características físicas diferentes, mas Olívia versa sobre um casal homoafetivo como pais de uma criança, a questão da adoção passa quase despercebida neste caso, o foco seria mais a sexualidade dos personagens, e como a Escola ainda caminha com traços de tradicionalidade, esses percebem esta literatura como pejorativo, agressivo ou imoral.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazendo a análise dos livros que escolhemos abordar em tal pesquisa, podemos verificar que eles conversam entre si em vários aspectos, mesmo se tratando de representatividades diferentes. As obras seguem o que é proposto no currículo pós-crítico, que tem como base norteadora a questão das identidades e diferenças, representatividades, discussões raciais, de etnias, gêneros e sexualidade bem como o multiculturalismo. Faz-se necessário que o currículo caminhe ao lado das modificações que a Sociedade passa, fazendo com que o currículo seja dinâmico e adaptável a cada situação. Não podemos seguir por uma educação “engessada” e tradicional enquanto a modernidade nos traz pessoas com suas diferenças.

Vemos, a partir dos livros, a importância de tratar a diversidade desde a tênue infância como fator determinante para o crescimento de seres mais humanizados, pessoas que se importam com o outro, bem como a auto aceitação, tentando ao máximo diminuir, ou até, de maneira utópica, extinguir a discriminação, seja esta por cor, raça, etnia, religião, aparência, sexualidade, deficiência ou tantas outras particularidades. Os livros nos abrem uma imensidão de possibilidades, sejam apenas na leitura, ou como defendemos aqui, na contação de histórias, dentre elas, abordar de maneira lúdica, divertida e criativa a diversidade que há dentre as pessoas.

Concluimos que o professor/contador pode trazer para a criança um momento não só lúdico, que trabalha sua imaginação, mas também trazer a representação do que vemos em nosso dia, no cotidiano, dentro de sala de aula e em ambiente familiar, que é a pluralidade, a diversidade, e quão importante é para uma criança se ver representada em um “historinha”, que aos olhos do adulto, pode soar como mais uma Contação de História, mas para aquela criança pode ser a história em que ela se torna algo importante mesmo tento algo que a classe dominante nomeia como diferente.

Desta forma terminamos a nossa pesquisa com a convicção de que além de levantarmos assuntos da atualidade, trazemos à academia a oportunidade de olhar a Contação de História com um olhar mais amplo, vendo-a como uma ferramenta que o professor pode abordar diversos assuntos, inclusive que normal é ser diferente.

## REFERÊNCIAS

A FILOSOFIA UBUNTU: O QUE É, ONDE SURTIU E COMO ELA SE REFLETE EM NOSSA SOCIEDADE? Ubuntu Finanças, 2019. Disponível em: <A filosofia Ubuntu: o que é, onde surgiu e como ela se reflete em nossa sociedade? (ubuntufin.com.br)>. Acesso em 02 de março de 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular:** educação é a base. Disponível em <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf)>. Acesso em: 1 março de 2022

CASTRO, Kely de. **Serei sereia?** São Paulo: Kapulana, 2016.

DANTAS, Eva Lorena Azevedo. **A contação de história na Educação Infantil e a formação de leitores.** Revista Caparaó, vol. 1, nº 2, ed. 12, 2019.

EMICIDA. **Amoras.** 17ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021.

FRANÇA, Rodrigo. **O pequeno príncipe preto.** 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

**LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015.** Presidência da República, Secretaria-Geral, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2015. Disponível em: <L13146 (planalto.gov.br)>. Acesso em 03 de março de 2022.

LEITE, Márcia. **Olívia tem dois papais.** 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2020.

MARTINS FILHO, Altino José; TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias; RECH, Ilona Patrícia Freire; SCHNEIDER, Maria Luisa. **Infância Plural:** Crianças do nosso tempo. Porto Alegre, Mediação, 2006.

PARR, Todd. **Tudo bem ser diferente.** 28ª impressão. São Paulo: Panda Books, 2021.

**QUAL É A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTOJUVENIL?** Colégio Etapa, 2021. Disponível em: <Qual é a importância da literatura infantojuvenil? (etapa.com.br)>. Acesso em 02 de março de 2022.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Sociologia da Infância:** Correntes e Confluências. Instituto de Estudos da Criança. Universidade do Minho, 2008.

SILVA, Antônio João Hocayen da. **Metodologia de pesquisa: conceitos gerais.** Unicentro. Paraná

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **A produção social da identidade e da diferença.** *In:* Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 73-102, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Documentos de Identidade:** Uma Introdução às Teorias de Currículo. 3ª Edição. Editora Autêntica. 2010.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. **A Pesquisa Bibliográfica: Princípios e Fundamentos.** Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, 2021.

SOUZA, Edmacy Quirina de; DINIZ, Nilson Fernandes. **Identidade e Diferença nos espaços educativos infantis**. Revista Práxis Educacional, vol. 17, no. 44, 2021, pp. 1-20.

SOUZA, Linete Oliveira de, BERNARDINO, Andreza Dalla. **A Contação de Histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Educere et Educare Revista de Educação, vol. 6, no. 12, 2011, pp. 235-249.

SOUZA, Livia Ferreira Rocha; LIMA, Marilda de Sousa; NEGREIROS, Rivani Lopes; GOMES, Geovana Maria dos Santos. **A Contação de Histórias Africanas na Literatura Infantil valorizando a diversidade e proporcionando o desenvolvimento da identidade cultural**. Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, vol. 1, no. 1, 2019. ISSN 2178-6925.